

# O Que Deus Merece

<sup>24</sup> Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, <sup>25</sup> ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém! (Judas 1.24-25).

-----  
Pregado na I. P. Central de São José do Rio Preto, em 07 de fevereiro de 2010 [manhã].

## INÍCIO

1. Com esta meditação finalizamos os sermões em Judas. Aprendemos anteriormente quem é Deus — Perfeito em seus atributos, Altíssimo e, ainda assim, aquele que vem até nós, que age em nossas vidas.
2. O aprendizado sobre o ser de Deus nos leva a uma outra questão: O que devemos a ele? Isso é reforçado pelo uso de uma palavra das Escrituras, “tributai”, ou seja, a Deus algo é devido — aquilo que os Salmos definem como *tributo de adoração* (Sl 29.1-2, 68.34, 96.7-8|136.26).

ST.: O texto, com muita simplicidade, nos mostra o que Deus merece.

## I. DEUS MERECE RECEBER GLÓRIA

<sup>25</sup> ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, **glória**, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!

1. Primeiro Deus merece receber “glória”. O termo grego é *δόξα*, *doxa*, “brilho, radiância, esplendor, [...] fama, honra, prestígio”.<sup>1</sup> É útil destacar pelo menos três sentidos bíblicos desta palavra:
  - 1.1. “Glória” é usada para referir-se a manifestações de Deus que podiam ser vistas pelos homens.
    - 1.1.1. No AT a “glória de Deus” é Deus mesmo que se revela em uma nuvem ou coluna de fogo, ou mesmo em uma profusão de brilho — o Deus que resplandece no Templo de Salomão (1Rs 8.10-11).
    - 1.1.2. No NT a “glória de Deus” é sua manifestação em Cristo (Jo 1.14; 2Co 4.6). Desse modo, estar diante da “glória de Deus” nada mais é do que estar diante do próprio Deus.
  - 1.2. Dar a Deus “glória” tem o sentido de conceder-lhe crédito, de reconhecê-lo como origem, fonte e autor de toda boa dádiva (Tg 1.17), especialmente da salvação (v. 24) e,
  - 1.3. por fim, dar “glória” ao Senhor significa honrá-lo, engrandecê-lo, destacá-lo. É com esses dois últimos sentidos — de conceder a Deus o crédito por todas as bênçãos e de honrá-lo de todo coração — que Judas utiliza a expressão: “ao único Deus [...] glória”.  
A Deus pertence a glória eterna, pois ela é essencial em seu ser. É comum atribuir a glória a Deus em doxologias [...]. Atribuir glória a Deus, porém, é simplesmente reconhecer um aspecto essencial de seu ser, pois a essência de Deus é glória.<sup>2</sup>
2. O que nos ensina Judas? Que temos de dar a Deus “glória”, ou seja, reconhecer que o crédito não é nosso, a honra não é nossa; tudo pertence a Deus. E isso é reforçado pelo segundo ponto do ensino:

## II. DEUS MERECE RECEBER MAJESTADE, IMPÉRIO E SOBERANIA

<sup>25</sup> ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, **majestade**, **império** e **soberania**, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!

1. A palavra que é aqui traduzida por “majestade” é usada três vezes no NT (Hb 1.3, 8.1 — sem ligada a “alturas” ou “céus” e aqui). Quanto a “império” e “soberania”, são sinônimos, o primeiro termo indicando “poder” e o segundo, “autoridade”<sup>3</sup> (cf. Mt 28.18).

---

1 BibleWorks 7.

2 KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Judas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 546.

3 Ibid., loc. cit.

2. O que nos ensina Judas? Que Deus reina absoluto; Deus é o chefe; Deus é o dono; Deus faz o que quer, com quem quer e quando quer; Deus está em cima e nós embaixo. Esta revelação pulveriza toda prepotência, falso senso de autonomia e petulância.

## CONCLUSÃO

1. O que Judas está fazendo nesse final de sua carta? Ele está adorando. Observe que, primeiro, ele reflete sobre a situação problemática da igreja — ele faz um diagnóstico e prescreve um remédio — e, em seguida, ele adora.
  - 1.1. Judas nos mostra que a resposta devida a Deus é adoração (cf. Êx 34.8). A adoração correta é a primazia da vida reta (cf. Gn 4.3 et seq. — BCW, pergunta 1).
  - 1.2. Judas nos ajuda a entender que adorar é, primeiramente, reconhecer quem é Deus e o que ele faz por nós — é dar a ele “glória, majestade, império e soberania”.
    - 1.2.1. A adoração não é um recurso para a motivação ou mesmo incentivo da igreja, mas para Deus.
      - 1.2.1.1. Daí a utilidade de cânticos e hinos de *testemunho aos não crentes* (e.g., 334 do HNC ou *Você Pode Ter*, do VPC, ou *Água Viva* — “cada estrada em que eu andei eu pensei daria certo” etc.), bem como de *admoestação e estímulo aos crentes* (e.g., 381 do HNC — *Mocidade Presbiteriana* e 315 — Serviço do Crente, ou dos cânticos de comunhão — *Recebi Um Novo Coração do Pai*). Isso ainda não é adoração no sentido estrito do termo; isso se faz em associações de bairro, no Rotary, na Maçonaria e até em reuniões de partidos políticos.
      - 1.2.1.2. Vejamos, no entanto, a cuidadosa ordem dos hinos do HNC: Inicia-se com hinos de puro louvor a Deus — Deus entronizado, a pessoa e obra de Cristo destacada, a pessoa e obra do Espírito reconhecidas e desejadas. Não é que, nestas coisas, sejamos desconsiderados — Deus opera em nós e por nós (cf. v. 24). O ponto é o culto é teocêntrico e não antropocêntrico.
    - 1.2.2. Isso não diz respeito apenas à adoração, mas a toda a nossa percepção de missão e visão. Tudo na igreja — e nas diversas áreas da vida — deve ser feito primária e unicamente para glória de Deus (1Co 10.31).
  - 1.3. Judas nos ajuda a entender que adorar é ato fundamental e eterno — é uma experiência da igreja com a eternidade. Observemos a cláusula temporal ou de infinitude: “antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos”.
  - 1.4. Mais: adoração é um ato que exige concordância inteligente: “amém” (cf. 1Co 14.16; Rm 12.1).
  - 1.5. Por fim, adorar é atribuir ao Senhor o que já é dele — é um ato reverente e, ao mesmo tempo, alegre, o reconhecimento de que tudo pertence a ele, provém dele e deve ser direcionado para ele (cf. Rm 11.36).
2. Diante da influência dos dissimuladores, Judas tem certeza de que Deus está agindo. Como vimos na semana passada, Deus cuida de sua igreja. Eis aqui o desafio: continuar amando aos que estão “na dúvida” (vv. 22-23) e continuar amando a Deus — apesar da aparente confusão reinante na igreja. Olhar para a grandeza de Deus e responder com adoração, mesmo estando a igreja infestada de dissimuladores.
  - 2.1. Isso é difícil quando consideramos o caráter e o modo antibíblico de agir dos dissimuladores, bajulando, conquistando simpatia e demonstrando destreza no uso do marketing pessoal (vv. 10-13 e 16).
  - 2.2. Isso é mais difícil ainda quando tais dissimuladores conquistam uma posição de influência tornando-se quase invulneráveis, de modo que não conseguimos tirá-los de suas posições e, nesse processo eles nos prejudicam. Alguém já viu isso ocorrer em um ambiente corporativo?

- 2.3. Alguns consideram que, para manter a pureza da adoração, o melhor é não se envolver profundamente com o trabalho da igreja. É difícil manter o foco na supremacia do Senhor e apresentar-se diante dele com o coração transbordante de adoração, quando as coisas não estão acontecendo de acordo com o padrão divino na igreja — a percepção dos equívocos, as feridas do coração e as ranhuras nos relacionamentos nos lançam em um redemoinho de sentimentos que, normalmente, nos afastam da comunhão e do culto simples. Os dissimuladores não apenas mobilizam um poder destrutivo na igreja, mas têm o potencial de eliminar nossa pureza, doçura e deslumbramento espiritual do culto.
- 2.4. Preste atenção: “Quando as coisas estão assim confusas e aparentemente tresloucadas, não perca o foco da adoração. Se você fizer isso o inimigo já ganhou um ponto; olhe para Deus e adore” — é o que nos diz esta epístola de Judas.
3. Diante de todas as dificuldades da vivência da fé, considere o Senhor e a eternidade (v. 25 — cf. Is 6.1 et seq.).
- Ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (Ed.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

